

De repente...tu

Ana Honrado

© Ana Honrado
De repente...tu
ISBN: 9789403693866

Impresso em Portugal

Editado por Bookmundo

“Reservados todos os direitos. Salvo exceção prevista pela lei, não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, nem a sua incorporação a um sistema informático, nem a sua transmissão em qualquer forma ou por qualquer meio (eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) sem autorização prévia e por escrito dos titulares do copyright. A infração de ditos direitos implica sanções legais e pode constituir um delito contra a propriedade intelectual.

Dirija-se ao autor se precisar de fotocopiar ou digitalizar algum fragmento desta obra (DL n.º 63/85, de 14 de março).”

Gostaria de agradecer à minha mãe e irmã, assim como ao meu companheiro por me aceitarem e me amarem como sou. São quem me dá sempre força para seguir os meus sonhos, e deixar para trás os meus medos, embarcando muitas vezes voluntariamente neles comigo. Obrigada novamente à minha irmã por ser sempre o ouvido por trás das minhas divagações e fantasias, a minha confidente e conselheira. E a primeira leitora dos meus rabiscos. Agradeço também de novo à minha mãe que me passou o gosto pela leitura e escrita, a minha eterna professora e aquela que sempre acreditou em mim e celebrou comigo as minhas conquistas e me abraçou e limpou as minhas lágrimas nas derrotas.

Índice

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 - PRIMEIRO DIA

CAPÍTULO 2 - A REUNIÃO

CAPÍTULO 3 – A APROXIMAÇÃO

CAPÍTULO 4 - A SAÍDA

CAPÍTULO 5 - O MOMENTO

CAPÍTULO 6 - O DIA SEGUINTE

CAPÍTULO 7 - MIRANDA

CAPÍTULO 8 - A VIDA CONTINUA

CAPÍTULO 9 - A EXPLICAÇÃO

CONCLUSÃO

Introdução

Sara empacotava a sua mala, sempre fora organizada, gostava de fazer listas do que levar e ir marcando o que já tinha arrumado, algo a fazia sentir-se mais calma ao fazê-lo e esta era sem dúvida uma nova aventura, nunca tinha partido em busca do desconhecido, ainda que o seu ano de Erasmus em França a tivesse, em parte, preparado para estar sem a sua família. Sempre sonhara em trabalhar no estrangeiro, e mais ainda em visitar Nova Iorque, poder combinar as duas realidades era como se juntasse a cereja ao topo do bolo. Durante a viagem de avião que antecedia a chegada, Sara pensava como seria a empresa e o projeto, nunca tinha trabalhado numa empresa de arquitetura. Trabalhava maioritariamente na área do direito, julgamentos, tribunais, coisas do género, esta era uma área diferente, mas a mudança deixava-a entusiasmada. Como seriam as pessoas e viver num local completamente distante da sua atual realidade? Sentia-se receosa, feliz, cansada, excitada e triste, tudo ao mesmo tempo. Sempre gostou de viajar mas agradava-lhe saber que a sua casa e família a esperavam, agora partia rumo ao desconhecido, sozinha, numa aventura daquelas que tanto gostava de ler e vivenciar nas páginas de um bom livro ou nas duas horas ou menos de um bom filme, esta era a sua aventura e era real. Deixaria amigos e família para trás, em busca de um emprego melhor e de algo que a apaixonasse.

Ao arrumar as malas lembrava-se da sua relação, recentemente terminada, eram bons amigos e assim continuariam, ainda que o término tenha sido uma decisão mais unilateral que bilateral, por parte de Sara, decidiram terminar. Sara queria ter a consciência tranquila e a alma livre para viver esta sua nova aventura, não queria estar presa a alguém ou a alguma coisa do passado, queria poder viver em pleno tudo o que viria, incluindo a sensação de perda atual, mas ao mesmo tempo de ganho pessoal.

O aeroporto de Lisboa estava apinhado, mas era já um lugar seu conhecido, tantas outras vezes tinha estado nestes mesmos pisos, a aguardar o avião para uma das suas curtas aventuras. Ao passar as portas de embarque e despedir-se da sua irmã sentiu uma pequena lágrima a querer formar-se ao canto do olho e um aperto gigante no peito, que parecia querer parar-lhe a respiração. Mas aguentou e continuou a andar virando de vez em quando a cabeça para a ver, enquanto conseguiu fazê-lo. Por fim, já longe, a sua imagem tornou-se um pequeno borrão, a sensação de aperto, intensificou-se ligeiramente, começando a dar-lhe uma espécie de dor na barriga.

Sentou-se nos bancos de metal frios, a aguardar a chamada para o embarque, tentando deixar para trás aquele sentimento de saudade. Por fim passados cerca de 30 minutos à espera, anunciaram o voo.

Cada passo em direção ao avião lhe ecoava na cabeça como se tivesse enormes botas de metal, estava assustada, sem saber o que a esperava do outro lado da viagem.

Foi um voo longo e cansativo, nunca foi muito fã de passar tanto tempo dentro de uma lata de salsichas voadora, mas finalmente o piloto informava a chegada ao destino:

- Senhoras e senhores estamos neste momento a efetuar a descida para o Aeroporto Internacional John F. Kennedy, o tempo é ameno ainda que a temperatura seja de cerca de 10 graus, e a previsão é de chuviscos, pelo que espero que tenham trazido um guarda-chuva.

Ao chegar a Nova Iorque o ar soprava frio e o céu estava escuro, talvez pelas nuvens negras que se formavam, talvez pela hora do dia.

O aeroporto era confuso, grande e com imensa gente a passar, gritar e correr de um lado para o outro, ouviam-se apitos e pequenos carros tipo buggy iam e vinham levando pessoas de mobilidade reduzida, ou bagagem. Muitos não perdiam tempo para olhar ao redor e queriam apenas dar conta daquilo que ali as trouxera.

Apressou-se para apanhar as suas malas nos tapetes, situação que sempre a deixava um pouco incomodada, por medo de perder os seus pertences, ainda mais agora, que não tinha propriamente um local a que chamar casa. Sabia que esta afirmação não era exatamente verdade, a sua casa e a sua

família estariam sempre lá. Mas aquilo que tinha consigo agora era o que trazia para a sua nova vida, aquilo que a compunha nos dias de hoje, o seu eu material estava, sentia, encafuado nas malas retangulares que trazia. Ao chegar ao hall procurou o ecrã onde encontraria o tapete correspondente e onde poderia apanhar as suas coisas. Encontrou o número, tapete A59, procurou até o encontrar. Já estavam ali várias pessoas à espera, passageiros do seu voo, reconheceu. Tentou desesperadamente encontrar um espaço entre a multidão, pois era complicado para uma rapariga de 1.60m e pouco mais de 50KG ver para lá daquela enchente sem estar praticamente em cima do tapete e não gostava que a sua mala andasse indefinidamente às voltas sem ser recolhida por si. Finalmente encontrou uma brecha e ali aguardou paciente, mas algo receosa, como sempre acontecia. Passados alguns minutos começaram a passar por si malas pequenas, grandes, mochilas, outras que mais pareciam autênticos guarda-vestidos, até que finalmente apareceu a sua mala vermelha, com vários emblemas de todos os países que já tinha visitado e que a sua mãe amavelmente lhe cosia após ou por vez antes de cada viagem. Pensou casualmente que faltava agora coser o emblema de Nova Iorque, lembrou-se que tinha de o comprar e pedir à sua mãe que o fizesse, afinal de contas costura não era um dos seus fortes.

Pegou nos seus bens materiais, como a sua irmã lhes chamava, e tentou afastar a lembrança da família da sua